

“AMAZÔNIA É O MUNDO”: INFÂNCIA E CRIAÇÃO POÉTICA NA RESERVA EXTRATIVISTA VERDE PARA SEMPRE

Paulo Roberto Vieira¹

Rosangela Araujo Darwich²

Gutemberg Armando Diniz Guerra³

Resumo: Este artigo objetiva investigar o impacto de atividades sensibilizadoras e inclusivas que integram poesia e elementos culturais locais na expressão criativa de crianças nativas da floresta amazônica. A pesquisa foi conduzida por meio da oficina “Crianças, Florestas e Poesia”, realizada na comunidade Arimum, na RESEX Verde para Sempre, em Porto de Moz (PA), com 25 participantes de 5 a 12 anos. Fundamentada na pedagogia de Paulo Freire, a oficina conectou elementos do cotidiano à expressão oral e escrita. Estudos futuros podem investigar de que maneira essas práticas influenciam, a longo prazo, o engajamento ambiental e cultural das crianças, além de sua adaptação a diferentes contextos amazônicos.

Palavras-chave: Educação Sensibilizadora; Crianças da Amazônia; Criação Poética; Reserva Extrativista.

Abstract: This article aims to investigate the impact of awareness-raising and inclusive activities that integrate poetry and local cultural elements into the creative expression of native children from the Amazon rainforest. The research was conducted through the workshop “Children, Forests, and Poetry,” held in the Arimum community, within the Verde para Sempre Extractive Reserve (RESEX) in Porto de Moz (PA), with 25 participants aged 5 to 12. Grounded in Paulo Freire’s pedagogy, the workshop connected everyday elements to oral and written expression. Future studies may investigate how these practices influence, in the long term, children’s environmental and cultural engagement, as well as their adaptation to different Amazonian contexts.

Keywords: Awareness-Based Education; Amazonian Children; Poetic Creation; Extractive Reserve.

¹ Universidade Federal do Pará (UFPA), E-mail: paulorvieira@ufpa.br

² Universidade da Amazônia (Unama), E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br

³ Universidade Federal do Pará (UFPA), E-mail: gguerra@ufpa.br

Introdução

A valorização, a sistematização e a formalização do conhecimento das populações tradicionais têm sido uma preocupação constante de pesquisadores e educadores que atuam com camponeses, quilombolas, indígenas, ribeirinhos e outras comunidades historicamente marginalizadas no acesso à educação formal. Essa lacuna, resultado de desigualdades históricas, coloca as populações rurais em desvantagem em relação às das zonas urbanas, exigindo iniciativas pedagógicas que promovam inclusão e empoderamento (Cardoso; Darwich, 2023; Ferreira; Nebot, 2023; Souza, 2012).

Desde a década de 1990, iniciativas acadêmicas na Amazônia Oriental têm buscado integrar o conhecimento tradicional às práticas científicas, como demonstram Hébette (2004) e Vieira e Darwich (2022). Essas ações têm origem em projetos como o Programa do Centro Agroambiental do Tocantins, coordenado por Jean Hébette a partir de 1988, que defendeu a participação ativa das comunidades na construção e apropriação do conhecimento produzido, criando espaços de troca entre saberes acadêmicos e empíricos. Já em Altamira, o Curso de Etnodesenvolvimento adotou a valorização do saber agrícola aliado a uma dimensão estética, integrando empirismo e cultura amazônica, enquanto produções textuais e sensoriais revelam experiências locais de valor inestimável (Formigosa; Lopes; Miléo, 2023).

Na última década, na região do médio Xingu, que abarca cerca de uma dezena de municípios atendidos pela Faculdade de Etnodesenvolvimento, da Universidade Federal do Pará, campus Altamira, estratégias de formação de professores do campo têm buscado aproximar estudantes da leitura e escrita, promovendo cidadania e pertencimento. Aulas de literatura e arte em Educação do Campo conectam literatura e floresta por meio do encontro entre fantasia, natureza e realidade para aqueles que ainda identificam árvores, cachoeiras e rios com lugar de morada (Vieira; Darwich, 2022).

Essas práticas extrapolam os limites da sala de aula, alcançando quintais de comunidades nos rincões da Amazônia. A leitura e a escrita criativa tornam-se ferramentas de socialização e expressão, com obras de autores renomados e dos próprios estudantes sendo compartilhadas em espaços públicos e rios, gerando um diálogo constante entre a memória, a imaginação e a conservação ambiental.

A criação poética e artística em ambientes naturais emerge como uma forma de expressão do conhecimento de adultos e adolescentes, mas também de crianças nas comunidades, fazendo uso da memória e da imaginação. Essas atividades destacam a relevância da preservação florestal, ao mesmo tempo que promovem novas formas de conhecimento com base na cultura local e nas tecnologias desenvolvidas para a sustentabilidade.

A ideia de experimentos com atividades artísticas e literárias imersivas no ambiente amazônico liga-se ao projeto de pesquisa “Poesia e prosa da

universidade à escola do campo: práticas divertidas em literatura e arte entre jovens na Amazônia” (Vieira, 2022), que promove a literatura como ferramenta de sensibilização socioambiental.

Em paralelo, o Projeto Bom Manejo, Fase 2⁴ (Kanashiro; Ferreira; Cardoso, 2023), iniciado em 2017, realiza capacitações para o uso de ferramentas e a disseminação de softwares e manuais técnicos, a partir de experimentos realizados em seis comunidades da Reserva Extrativista (RESEX) Verde para Sempre. O projeto foca na formação de profissionais de universidades e institutos federais e estaduais, além de associações profissionais, cooperativas de produtores e empresas. Os temas são integrados a cursos de graduação e extensão, bem como a parcerias com instituições dedicadas à formação e qualificação de técnicos e profissionais vinculados à cadeia produtiva da madeira. O objetivo é preparar, desde a base, trabalhadores e agentes multiplicadores para a implementação de boas práticas de manejo florestal sustentável.

Assim sendo, ações ligadas ao aspecto criativo, com foco em literatura e artes e voltadas às comunidades envolvidas no projeto, têm ocorrido como forma de destacar o compromisso socioambiental com o futuro da floresta a partir de suas sementes mais valiosas – as crianças. Foi nesse contexto que, em setembro de 2022, aproveitando o Dia da Amazônia, ministrou-se a oficina de criação poética “Crianças, Florestas e Poesia”, na comunidade Arimum, localizada na RESEX Verde para Sempre, em Porto de Moz, no Pará. Organizado em parceria com o Projeto Bom Manejo II, o evento envolveu 25 crianças, promovendo reflexões sensíveis sobre o valor imaterial das florestas e rios para o bem-estar e o bem-viver das populações amazônicas.

Em resumo, ações que combinam criatividade, literatura e arte, no geral, têm se mostrado eficazes para fomentar o compromisso socioambiental das comunidades amazônicas, especialmente ao promover reflexões sobre o valor das florestas e rios na vida cotidiana. Essas iniciativas não apenas fortalecem a identidade cultural, mas também incentivam uma relação mais sensível com o território e sua preservação.

Nesse contexto, este artigo objetiva investigar o impacto de atividades educacionais sensibilizadoras e inclusivas que integram poesia e elementos culturais locais sobre a expressão criativa de crianças nativas da floresta amazônica. Exploramos, assim, o potencial dessas atividades para o fortalecimento da consciência socioambiental, conectando práticas artísticas e narrativas literárias à valorização da floresta e à construção de um futuro sustentável.

⁴ Projeto disponível em: <<https://www.embrapa.br/bom-manejo>>. Acesso em: 20 out. 2024.

Fundamentos para uma Educação Literária em Consonância com a Conservação do Meio Ambiente

A RESEX Verde para Sempre, localizada em Porto de Moz, no Pará, foi criada em 2004 e é uma das maiores unidades de conservação do Brasil, abrangendo aproximadamente 1,3 milhão de hectares. Sua criação resultou de uma longa luta das comunidades locais contra a exploração ilegal de madeira e outras práticas predatórias. Além de preservar um vasto ecossistema de floresta tropical, rios e biodiversidade, a RESEX garante o direito das famílias ao território, promovendo a gestão sustentável dos recursos naturais para as futuras gerações. Sua importância vai além da conservação ambiental, abrangendo também o fortalecimento social das comunidades locais (Medina; Barbosa, 2016).

Ao completar 20 anos em 2024, a RESEX Verde para Sempre simboliza uma conquista das populações extrativistas e se destaca como referência em práticas sustentáveis que aliam proteção ambiental e valorização dos povos tradicionais da Amazônia. Entre suas 40 comunidades, destaca-se a Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, conhecida como comunidade Arimum, por estar situada às margens do Rio Arimum. Composta por 53 famílias e 172 pessoas, é um dos núcleos que mantém vivas as tradições e os modos de vida na RESEX.

A análise das atividades e dos impactos gerados pela oficina “Crianças, Florestas e Poesia”, alinhando conceitos a práticas pedagógicas e socioambientais, encontra suporte teórico na ecocrítica. Este campo, como definido por Glotfelty e Fromm (1996), estuda a relação entre literatura e o ambiente físico, proporcionando uma abordagem literária que estimula a reflexão sobre formas mais responsáveis, cuidadosas e solidárias de habitar a Terra. A partir dessa perspectiva, a leitura e a escrita de textos literários – seja em prosa ou poesia – adquirem um valor ainda mais significativo quando experienciadas no seio da natureza. Garrard (2004, p. 364) reforça essa ideia, observando que muitas vezes “os estudantes consideram o trabalho no exterior [fora de sala de aula] muito mais memorável e até transformador do que um período em sala de aula”.

No entanto, para que essa relação entre literatura, natureza e sociedade seja realmente transformadora, é válido integrar a visão de Paulo Freire sobre educação. O educador brasileiro propôs uma educação crítica e emancipatória, fundamentada no diálogo, na construção coletiva e na conscientização dos sujeitos sobre sua realidade e seu papel na transformação social (Freire, 1996). Nesse sentido, as atividades artísticas e literárias imersivas no contexto amazônico podem ser entendidas como um exercício de diálogo entre os saberes locais e a cultura acadêmica, em que os jovens habitantes das comunidades se tornam protagonistas da criação poética e artística, refletindo sobre o valor da floresta e os desafios socioambientais que enfrentam. Isso corrobora a ideia de Freire de que a educação deve ser um processo de libertação e empoderamento, permitindo que os indivíduos reconheçam suas

condições e se tornem agentes ativos na construção de um futuro mais justo e sustentável.

Além disso, o paradigma da complexidade, como proposto por Edgar Morin, oferece uma visão integrada da realidade, destacando a multidimensionalidade e a solidariedade dos fenômenos. Morin (2005, p. 68) afirma que, “no fim das contas, tudo é solidário. Se você tem o senso da complexidade, você tem o senso da solidariedade”. Essa abordagem se complementa com a ecocrítica ao reforçar a necessidade de um olhar interconectado para as questões ambientais e sociais, em que práticas literárias e pedagógicas não são dissociadas de questões ambientais. No contexto amazônico, a pedagogia de Freire se alinha perfeitamente com o paradigma da complexidade, pois a sensibilização socioambiental e a expressividade artística estão no cerne de uma educação que busca transformar os sujeitos e suas comunidades por meio do reconhecimento e valorização de suas realidades culturais e naturais.

As práticas educativas que utilizam a literatura e a arte como ferramentas de sensibilização socioambiental, como a oficina “Crianças, Florestas e Poesia”, podem ser vistas não apenas sob a ótica da ecocrítica, mas também como um reflexo da pedagogia de Paulo Freire, que propõe uma educação contextualizada, dialógica e transformadora. A conexão entre saberes tradicionais e científicos, a valorização da cultura local e a promoção de um compromisso socioambiental com a preservação da floresta e a sustentabilidade se fundamentam nessa visão integrada, em que a educação se torna uma poderosa ferramenta de transformação social.

Por outro lado, a abordagem das questões ambientais em sala de aula ainda parece restrita a modelos conservadores e ultrapassados. A construção de uma consciência ecológica depende, em grande medida, da criatividade e de inovações no processo de ensino, de modo que o meio ambiente e sua conservação ocupem um papel central nas estratégias pedagógicas. É relevante considerar, inclusive, os conteúdos sociais presentes em obras de prosa e poesia, bem como a influência que a literatura pode exercer sobre os leitores, promovendo conscientização e, conseqüentemente, mobilização social (Candido, 2011).

O simples ato de ler um texto literário, por puro prazer, sob o céu ou entre os bosques, independentemente do tema, já representa uma mudança de paradigma. Literatura de suspense, poemas líricos, crônicas, quadras populares, sonetos, cordéis, narrativas de aventura, obras filosóficas, textos humorísticos, diários de viagem, memórias de artistas, textos clássicos ou contemporâneos, nacionais ou internacionais – em suma, todos os tipos, temas e gêneros literários podem ser integrados a aulas realizadas no ambiente natural. Essa abordagem naturaliza o ensino da cultura dentro do contexto ambiental, elevando a educação a um patamar de maior complexidade e plenitude na compreensão do mundo ao redor, como preconizado por Morin (2005) e Freire (1996).

É necessário, porém, adotar uma perspectiva interdisciplinar para organizar, produzir e transmitir o conhecimento, unificando as diversas dimensões dos fenômenos estudados. Tal abordagem permite superar uma visão fragmentada e excessivamente especializada do saber, conduzindo a uma compreensão mais ampla da complexidade e da interdependência entre os elementos que compõem a natureza e a vida. Segundo Carvalho (1998), a implementação de práticas pedagógicas inovadoras como essa demanda mudanças profundas não apenas nos métodos de ensino e aprendizagem, mas também na organização formal das instituições de ensino.

A crise ambiental que atinge o mundo contemporâneo clama por conscientização e mobilização para evitar a inviabilização de um futuro ambientalmente saudável para as próximas gerações. Essa tarefa exige a construção de sujeitos conscientes – sujeitos ecológicos, com posturas preservacionistas em relação ao planeta que habitam (Behling; Arruda, 2025; Carvalho, 2016).

Nesse sentido, consideramos que a realização de oficinas, em que jovens possam expressar seus talentos artísticos tendo a natureza como casa, cenário e matéria-prima criativa, contribui significativamente para a formação de uma consciência ambiental. Nessas práticas, o cotidiano se transforma em literatura, promovendo um diálogo entre as experiências vividas e a imaginação desde os níveis do ensino básico.

É nesse contexto que surge a percepção de uma “natureza pedagógica”, expressão cunhada por Carvalho (2016), que reflete a integração entre natureza, arte e educação. Esse conceito aponta para uma educação ambiental que ultrapassa o discurso e se enraíza em práticas transformadoras, capazes de cultivar nas novas gerações uma relação respeitosa e responsável com o meio ambiente.

Metodologia

Freire (1981, p. 21) argumenta que “a educação, qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade”. Baseando-se nesse princípio, este estudo, de campo de natureza qualitativa, assume um caráter híbrido, com predominância exploratória, dada a inovação de integrar poesia e práticas pedagógicas na Amazônia (Cajueiro, 2014).

A oficina “Crianças, Florestas e Poesia” foi realizada no dia 6 de setembro de 2022, das 8h às 17h, e contou com a participação de 25 crianças, entre 5 e 12 anos, sendo 8 do gênero feminino e 17 do masculino. Os participantes são estudantes do ensino fundamental da escola da comunidade Arimum, que aceitaram o convite para participar da oficina.

As atividades foram organizadas por meio de um esforço colaborativo entre a Embrapa Amazônia Oriental e moradores da comunidade Arimum.

Revbea, São Paulo, V. 20, Nº 6: 01-18, 2025.

Contaram ainda com o apoio de quatro professores, um educador do campo, dois engenheiros florestais e dois professores locais do ensino fundamental, sob a coordenação do primeiro autor.

As seguintes atividades foram realizadas: reflexão sobre os termos “Amazônia” e “paisagem”, e criação poética. Essa estrutura permitiu que as crianças explorassem diferentes formas de expressão verbal e escrita ao longo do dia. Além do mais, embora este artigo se concentre na análise de dados da criação verbal, as crianças realizaram ainda a produção de pinturas e desenhos, que foram expostos em um varal juntamente com os poemas criados nas atividades anteriores, culminando, ao final do mesmo dia, em uma exposição das obras na margem do rio Arimum, ao lado do Porto Grande, na comunidade.

Foi utilizada a metodologia de observação participante para acompanhar a dinâmica das oficinas. Paralelamente, registros audiovisuais foram produzidos pela equipe do Projeto Bom Manejo II, documentando momentos significativos do processo⁵.

A análise dos dados seguiu a metodologia de análise de conteúdo (Bardin, 2016), buscando identificar atitudes criativas, percepções individuais e coletivas e aspectos subjetivos manifestados pelos participantes. Esse método permitiu compreender como a experiência da oficina influenciou a expressão criativa das crianças. Para tanto, três categorias de análise foram criadas: “relação com a natureza”, “humor e narrativa lúdica” e “interações sociais e cotidianas”.

Quanto aos aspectos éticos, este estudo é um desdobramento da pesquisa “Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais e Resiliência”, que foi submetida para análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Amazônia, via Plataforma Brasil, obtendo parecer favorável de nº 5.243.747 e Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 24782619.9.0000.5173.

Resultados e Discussão

A atividade de reflexão sobre os termos “Amazônia” e “paisagem” foi realizada por seis crianças com idades entre 5 e 9 anos. Participaram três meninas (de 5 anos, 6 e 9 anos) e três meninos (um de 5 e dois de 8 anos).

A busca de resposta à pergunta “o que é Amazônia?” ocorreu em uma roda de conversa. Sentadas à vontade sob a copa de uma árvore, na beira do rio Arimum, as crianças responderam a essa indagação de maneira espontânea.

⁵ Vídeo disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=wPl3PhH9n3o&t=10s>>. Acesso em: 20 out. 2024.

Em seguida, as crianças se deslocaram para o porto central da comunidade, de onde se pode ver amplas paisagens. Uma por vez, as crianças eram convidadas a girar, de olhos fechados, no eixo do próprio corpo. Ao parar e abrir os olhos, elas deveriam descrever tudo aquilo que estivessem vendo, o que foi definido como “paisagem”. A última criança a girar, no entanto, foi direcionada às demais crianças que, em silêncio, estavam reunidas à sua frente. Portanto, ao contrário das demais crianças, que descreveram barcos, rio, árvores, casas, ao abrir os olhos, esta criança definiu todas as crianças que viu como sendo a paisagem.

As respostas das crianças estão descritas no Quadro 1.

Quadro 1: Reflexão sobre termos.

Participante	Amazônia	Paisagem
Menina, 5 anos	“Amazônia é a árvore, os peixes”	“Eu vejo uma árvore cheia de flores”
Menino, 5 anos	“Amazônia é uma onça”	“Eu vejo o rio e uma casa”
Menina, 6 anos	“Amazônia é um rio”	“Eu vejo a escola”
Menino, 8 anos	“Amazônia é tudo isso que a gente vê”	“Eu vejo um barco passando no rio”
Menino, 8 anos	“Amazônia é capim”	“Eu vejo a floresta do outro lado do rio”
Menina, 9 anos	“Amazônia é o mundo”	“Eu vejo um monte de crianças que nem eu”

Fonte: Autoria própria.

A diversidade de respostas das crianças evidencia a riqueza de sua percepção sobre a Amazônia, combinando experiências sensoriais, simbólicas e afetivas. Mais do que apenas descrever o que veem, as crianças demonstraram como a Amazônia é vivida, sentida e significada. Elementos concretos, como árvores, peixes, rios e onças, demonstram um vínculo direto com a natureza e o cotidiano dessas crianças. A resposta “Amazônia é tudo isso que a gente vê”, de um menino de 8 anos, reflete uma perspectiva abrangente e intuitiva da floresta, enquanto a afirmação “Amazônia é o mundo”, feita por uma menina de 9 anos, sugere uma compreensão ampliada, em que a floresta transcende o espaço físico para se tornar um símbolo de conexão e pertencimento.

Com efeito, esses resultados demonstram que é preciso refletir sobre o ato de conhecer e aprender novas formas de absorver e transmitir conhecimentos para crianças. “Trocar certezas por perplexidades talvez seja o primeiro passo, admitindo a precariedade do olhar especializado sobre uma realidade que só existe de forma dinâmica, interrelacionada e complexa” (Carvalho, 1998, p. 18).

A dinâmica da roda de conversa permitiu a troca de percepções e o aprofundamento dos significados de “Amazônia” e “paisagem”, enriquecendo a relação das crianças com seu território. As falas espontâneas revelam não apenas uma ligação direta com o ambiente, mas também camadas mais complexas de significação, influenciadas por fatores sociais e econômicos. A resposta de um menino de 8 anos, “Amazônia é capim”, seguida por “Amazônia

Revbea, São Paulo, V. 20, Nº 6: 01-18, 2025.

é pasto, boi e vaca”, sugere uma percepção da proximidade do desmatamento e da degradação ambiental que ele presencia.

Ao unir ludicidade e reflexão, a oficina fortaleceu o vínculo das crianças com seu ambiente e estimulou um entendimento mais amplo da Amazônia como um espaço vivo e dinâmico. Conforme Candido (2011), a dignidade humana envolve não apenas a sobrevivência física, mas também a integridade espiritual, incluindo o direito à arte e à literatura. Assim, atividades como essas são fundamentais para ampliar a consciência ambiental e promover um olhar mais engajado sobre o presente e o futuro da floresta e de suas comunidades.

Por outro lado, a atividade de criação poética foi realizada por 19 crianças de 6 a 12 anos, incluindo 5 meninas, de 6 a 12 anos, e 14 meninos, de 7 a 12 anos, que foram divididos em quatro grupos. Sob a orientação de dois educadores, cada grupo se deslocou para um lugar distinto, dois na beira do rio (porto grande e porto pequeno), um na área de floresta próxima ao campo de futebol e um no quintal florestal. A Figura 1 ilustra a realização da atividade por um dos grupos.



Figura 1: Criação poética na floresta próxima ao campo de futebol da comunidade
Fonte: Arquivo do Projeto Bom Manejo II (2022)

Munidos de cadernos e lápis, as crianças foram estimuladas a pensar palavras relacionadas a seu entorno e a contar pequenas histórias reais, sérias ou anedóticas de que se lembravam, tudo em ritmo de brincadeira e conversas descontraídas. Em seguida, foram convidadas a escrever poemas, tendo sido explicado que “poema é um jeito bonito de dizer as coisas que a gente vê”. Os educadores em cada grupo, ajudavam na notação das palavras escolhidas, no ajuste dos versos pensados e desenvolvidos pelas crianças, e na construção de pequenos poemas a partir do que era escrito e dito pelos participantes.

Com base nos poemas, as seguintes categorias de análise foram criadas: “relação com a natureza”, “humor e narrativa lúdica” e “interações

sociais e cotidianas”. Os Quadros 2 a 4 apresentam essa classificação, cada um deles apresentando uma das três categorias.

Quadro 2: Categoria de análise “relação com a natureza”

Participante	Poema
Menina, 6 anos	Os passarinhos comem todos os cajú que ruim eles não deixam nem um pedacinho pra mim
Menino, 7 anos	Perdão, Deus, Pelos nossos pecados E proteja a nossa Floresta
Menina, 8 anos	Fogo aceso Andando no rio Passa rápido Avião
Menina, 10 anos	A MENINA VIA A ÁRVORE EU VI UUUMA ÁRVORE EU VI UUUUUMAA ÁAAARVORE EU VI VI VIVIVIVI ÁRVOREEEEEEEEEEE EU LINDA VI LINDA ÁRVORE EU ÁRVOREEEEE AÁRVORE VI VI VI VIVI VI
Menino, 10 anos	Céu colorido se mistura Com o verde do rio e as flores De jatobá.
Menino, 10 anos	As frutas do mato Alimentam gente Animais E tudo Vive no mato
Menino, 10 anos	Eu gosto de muruci Gosto de tucunaré Não gosto de aracu E também gosto de banhar Na ponte grande
Menino, 11 anos	No fim da tarde Eu pulo E nado Que nem peixe Grande
Menino, 11 anos	O vento Frio Refresca A alma

Continua...

...continuação.

Participante	Poema
Menino, 12 anos	Eu vi vários pássaros Comendo caju E outros Avoando e Cantando Eu via a horta Mas estava muito Seca Seca Seca

Fonte: Autoria própria

Dos 19 poemas analisados, dez foram classificados na categoria “relação com a natureza”, demonstrando a forte influência do meio ambiente no imaginário infantil. Crianças de 6 a 12 anos expressaram em seus textos um vínculo sensível com a flora, a fauna e os recursos naturais, evidenciando que a natureza não é apenas um cenário, mas um elemento essencial de sua identidade e experiência de vida. Essa predominância reflete tanto a interação cotidiana com o território quanto a maneira como ele inspira a criatividade infantil.

Os poemas capturam não só essa relação direta com a floresta, mas também diferentes emoções e percepções, que variam entre encantamento e preocupação. Em versos como “Os passarinhos comem todos os cajus / que ruim / eles não deixam nem um pedacinho pra mim”, percebe-se um lamento pela partilha da natureza, enquanto no poema “Perdão, Deus, / Pelos nossos pecados / E proteja a nossa Floresta”, há uma perspectiva espiritual e ética, que associa a floresta a um bem sagrado que necessita de cuidados.

A riqueza de imagens e metáforas aparece em versos como “Fogo aceso / Andando no rio / Passa rápido / Avião”, que combinam elementos naturais e tecnológicos, demonstrando uma fusão entre o sensorial e o imaginativo. Por outro lado, no poema que inicia com os versos “A MENINA VIA A ÁRVORE / EU VI UUUMA ÁRVORE...”, a repetição e o jogo de palavras revelam o encantamento e a valorização da flora, destacando a árvore como um elemento de fascínio e beleza. Esse olhar sensível também aparece em “Céu colorido se mistura / Com o verde do rio e as flores / De jatobá”, em que a harmonia visual da Amazônia é traduzida poeticamente.

Além disso, os poemas mostram a percepção das crianças sobre os ciclos naturais e a interdependência entre os seres vivos, como em “As frutas do mato / Alimentam gente / Animais / E tudo / Vive no mato”. Há também expressões de vivências cotidianas e hábitos locais, como no poema “Eu gosto de muruci / Gosto de tucunaré / Não gosto de aracu”, que destaca a relação com a alimentação regional. Já versos como “No fim da tarde / Eu pulo / E

nado / Que nem peixe / Grande” reforçam a ideia da Amazônia como um espaço de liberdade e exploração.

Por fim, algumas composições trazem uma dimensão subjetiva e emocional, como em “O vento / Frio / Refresca / A alma”, que transforma uma sensação física em um sentimento profundo. Outros poemas sugerem uma consciência ambiental em formação, como em “Eu via a horta / Mas estava muito / Seca”, apontando para uma percepção das mudanças ambientais. Assim, as produções infantis refletem a relação das crianças com o território amazônico, mesclando sensibilidade, ludicidade e um olhar atento às transformações da floresta.

O Quadro 3 apresenta os poemas que integram a categoria de análise “humor e narrativa lúdica”.

Quadro 3: Categoria de análise “humor e narrativa lúdica”

Participante	Poema
Menina, 8 anos	O que foi? Eu pareço um espelho Pra tu tá me olhando?
Menino, 9 anos	O Chico é o meu macaco Ele é muito perturbado
Menino, 10 anos	No dia que eu fui pescar Confronte a pedreira Eu senti aquele Tik Tik Tik Crek Crek Crek Aí eu levei a catraia de volta Era o carburador sujo Era tanto Tik Tik Crek Crek Que quase que eu nem chego
Menino, 10 anos	Miriti de cabelo cacheado Traz meu bem Seu danado!

Fonte: Autoria própria

Quatro poemas foram classificados na categoria “humor e narrativa lúdica”, obras de crianças na faixa etária intermediária, entre 8 e 10 anos. Esses poemas revelam a leveza e o caráter brincalhão da percepção infantil, evidenciando como as crianças utilizam o humor para explorar e narrar experiências cotidianas de forma criativa.

No poema “O que foi? / Eu pareço um espelho / Pra tu tá me olhando?”, o tom brincalhão e provocativo revela uma interação social comum na infância, em que o olhar do outro é motivo de curiosidade ou desconforto. Esse tipo de expressão é típico da comunicação lúdica infantil, onde as palavras são usadas para questionar, provocar e até criar laços de convivência.

No poema “O Chico é o meu macaco / Ele é muito perturbado”, a figura do macaco ganha vida como um personagem divertido e cheio de personalidade, refletindo a interação próxima da criança com a fauna e o olhar

Revbea, São Paulo, V. 20, Nº 6: 01-18, 2025.

lúdico sobre o mundo natural. Outro exemplo é “No dia que eu fui pescar / Confronte a pedra / Era tanto Tik Tik Crek Crek / Que quase que eu nem chego”, em que a narrativa de um problema mecânico na pescaria é contada de forma cômica, com onomatopeias que intensificam o caráter divertido e dinâmico da experiência. Esse uso de sons reforça o aspecto lúdico e imaginativo, ao mesmo tempo que retrata práticas culturais locais, como a pesca.

Já o poema “Miriti de cabelo cacheado / Traz meu bem / Seu danado!” apresenta uma mistura de elementos da cultura local e de afeto. O miriti, conhecido por seu uso em artesanato na região amazônica, ganha uma personificação criativa com “cabelo cacheado”, o que demonstra o olhar imaginativo da criança ao atribuir características humanas a objetos ou elementos naturais, ao mesmo tempo que poderes mágicos.

Assim, a categoria “humor e narrativa lúdica” evidencia não apenas o aspecto criativo da infância, mas também como o ambiente cultural e natural amazônico inspira as crianças a verem o mundo com leveza, curiosidade e alegria. Esses poemas destacam o poder do humor como ferramenta de expressão e construção de identidade, fortalecendo o vínculo das crianças com suas experiências e o território onde vivem.

O Quadro 4 apresenta os poemas que integram a categoria de análise “interações sociais e cotidianas”

Quadro 4: Categoria de análise “interações sociais e cotidianas”

Participante	Poema
Menino, 11 anos	Pra fazer uma criança Parar de chorar É só pegar Uma borboleta Pra ela soltar
Menino, 11 anos	Eu estava pescando E levei um susto De uma lontra! Aí eu disse: - Vó, é uma lontra - Ai, meu neto, eu pensava até que era um veado!
Menino, 11 anos	Eu vi seres Humanos lindos Eu vi um céu azul Eu vi A trave Do campo Coqueiro Bacaba Eu vi açai Eu vi cacau E Tchau

Continua...

...continuação.

Participante	Poema
Menino, 12 anos	A gente estava Mariscando no gapó, O menino falou: - bora trocar de lugar? - Bora! Na hora a gente trombou eeeeeeee Thhiiibbbuuuummmm O casco alagou Tudo no fundo!
Menina, 12 anos	Eu e a Vanessa Gostamos de banhar Na ponte grande Ainda mais quando A água tá GRANDE

Fonte: Autoria própria

Cinco poemas foram classificados na categoria “interações sociais e cotidianas”, obras de crianças na faixa etária superior, entre 11 e 14 anos. Esses poemas evidenciam como as vivências do dia a dia, as relações interpessoais e as experiências em grupo moldam o imaginário e a expressão poética das crianças mais velhas.

No poema “Pra fazer uma criança / Parar de chorar / É só pegar / Uma borboleta / Pra ela soltar”, a simplicidade e a ternura refletem uma interação social marcada pelo cuidado e pela busca de soluções criativas para os desafios cotidianos. A imagem da borboleta, delicada e efêmera, adiciona um tom poético à ideia de consolo e alívio.

Já no poema que inicia com os versos “Eu estava pescando / E levei um susto / De uma lontra!”, o tom narrativo e bem-humorado destaca uma experiência vivida em família, com a participação da avó na história. A fala direta entre o neto e a avó adiciona uma dimensão afetiva e lúdica, reforçando o vínculo interpessoal e o caráter social da experiência.

O poema que inicia com “Eu vi seres / Humanos lindos” combina observação e síntese, capturando uma sequência de imagens e elementos do cotidiano que conectam o humano, o natural e o social. Essa justaposição de cenas reforça a ideia de pertencimento ao território e à comunidade, em que cada elemento observado carrega um significado pessoal e coletivo.

Versos de crianças da comunidade, como “A gente estava / Mariscando no gapó”, revelam, além do uso do diálogo e da onomatopeia que transmite diversão e espontaneidade, uma forte conexão com o cotidiano local e a cultura infantil. Se uma troca de lugar em um pequeno barco faz com que ele afunde, eis aí uma bela diversão a ser narrada.

Pode-se fazer uso dessa mesma chave de interpretação ao pensar os demais poemas escritos pelas crianças, autores de uma literatura que convida a peraltices, brincadeiras, emoções, tristezas e alegrias, reflexões e percepções de si mesmas enquanto parte elementar da Amazônia. Assim, versos como “Eu e a Vanessa / Gostamos de banhar / Na ponte grande / Ainda mais quando / A água tá GRANDE” reforçam a dimensão social das experiências cotidianas, destacando o prazer compartilhado de atividades ligadas ao ambiente natural.

Esses poemas mostram como as crianças mais velhas ampliam o foco em direção às trocas sociais, adicionando a presença do outro ao fortalecimento do vínculo com o território e a vida. As diferentes relações, com criança mais jovem, com avós, com os pares e com os seres humanos, no geral, representam o quanto o ambiente pessoal se expande e se enriquece.

Em “Poesia: uma frágil vítima da escola”, Lajolo (1993, p. 45) mostra que desde os últimos parnasianos do começo do século XX já existiam severas dificuldades em se trabalhar poesia nas escolas devido à falta de sintonia entre o que ensinar e de que modo ensinar, além da falta de sensibilidade para enxergar que cada público infantil ou juvenil é diferente e que, portanto, no Brasil, utilizar um mesmo modelo para todo o país sempre foi um tremendo equívoco. “Em outras palavras: leitor e texto precisam participar de uma mesma esfera de cultura”. O que ela chama de esfera de cultura se refere à língua no cotidiano e aos vários usos dessa mesma língua que no passar do tempo se consolida como a tradição literária de uma comunidade falante em um determinado lugar.

Um ensino literário que se queira consequente, ao ser incorporado à escola da comunidade, deve se comunicar e se sintonizar com a literatura que as meninas e os meninos escrevem, enraizada em sua cultura amazônica, sua realidade, sua vida, seu rio e sua floresta. Os poemas produzidos por essas crianças revelam a profundidade de suas percepções e a diversidade de suas experiências, expressando-se por meio da relação com a natureza, do humor e das interações sociais. Essas categorias refletem não apenas a influência do ambiente amazônico em seu imaginário, mas também a maneira como a infância ressignifica o cotidiano através da poesia. Assim, ao integrar a literatura ao contexto escolar e comunitário, é possível fortalecer a identidade cultural das crianças e ampliar seu repertório expressivo, promovendo uma educação que valoriza suas vozes, seus territórios e suas vivências.

Conclusões

Este estudo investigou o impacto de atividades sensibilizadoras e inclusivas que integram poesia e elementos culturais locais sobre a expressão criativa de crianças nativas da Amazônia Paraense. A oficina “Crianças, Florestas e Poesia” mostrou-se uma experiência pedagógica significativa, fundamentada na pedagogia de Paulo Freire, ao valorizar a expressividade dos

participantes e articular o conhecimento tradicional ao ensino de práticas sustentáveis.

Os resultados demonstram que abordagens sensíveis e humanizadas, que integram razão e emoção, favorecem a tomada de consciência acerca de questões ambientais e sociais. As práticas pedagógicas estimularam reflexões sobre a relação entre ser humano e natureza, a sustentabilidade dos recursos e uma economia mais justa, ao mesmo tempo em que fortaleceram a identidade local e a conexão das crianças com sua cultura.

As categorias de análise “relação com a natureza”, “humor e narrativa lúdica” e “interações sociais e cotidianas” - evidenciam a complexidade da percepção infantil sobre a Amazônia, unindo encantamento e consciência crítica. Os poemas produzidos refletem essa visão plural, expressando-se por meio da natureza, do humor e das interações sociais, e revelam como a infância ressignifica o cotidiano através da poesia. Isso reforça a necessidade de um ensino literário que dialogue com a realidade amazônica, valorizando as vozes infantis e promovendo uma educação que estimule o olhar crítico e o pertencimento.

A experiência também ressaltou a importância de ações educacionais alinhadas às especificidades das comunidades locais, respeitando suas tradições e potencialidades. Os desdobramentos desse tipo de atividade - como a conscientização ambiental, a criação poética entre crianças e o fortalecimento do bem-estar comunitário - são essenciais para a construção de um futuro mais sustentável e com justiça social. Além do mais, como ensina Candido (2011, p. 174), segundo uma organização justa da sociedade, a literatura e a arte como partes do cotidiano atendem a necessidades profundas dos seres humanos, “necessidades que não podem deixar de ser satisfeitas sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos de frustração mutiladora”.

A produção audiovisual, as apresentações em eventos científicos e a versão impressa do material ampliam a disseminação da experiência, permitindo sua replicação em outras comunidades amazônicas e contextos similares. A adoção dessas práticas pode contribuir significativamente para a educação ambiental e cultural, promovendo transformações tanto na vida dos participantes quanto na conservação da biodiversidade.

Por fim, este estudo reafirma a potência da arte e da poesia como ferramentas pedagógicas para a sensibilização e a aprendizagem significativa. Pesquisas futuras poderiam investigar os efeitos a longo prazo dessas atividades sobre o envolvimento ambiental e cultural das crianças, além de explorar como diferentes faixas etárias e comunidades amazônicas respondem a metodologias semelhantes. Oficinas voltadas para professores também seriam estratégicas, formando multiplicadores capazes de expandir o alcance dessas práticas e fortalecer a integração entre literatura, identidade cultural e sustentabilidade.

Agradecimentos

À Embrapa Amazônia Oriental, pelo apoio à pesquisa, e à Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), pelo acolhimento no estágio pós-doutoral do primeiro autor.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- Behling, Greici Maia; Arruda, Gustavo Corrêa de. A função social da educação ambiental na promoção da participação em programas voltados à conservação da biodiversidade. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 20, n 1, p. 8-27, 2025.
- CAJUEIRO, Roberta Liana Pimentel **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos: guia prático do estudante**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CARDOSO, Jefferson Luis Silva; DARWICH, Rosângela Araújo. Educação do campo como direito fundamental: qual o lugar dos povos tradicionais nas constituições do Brasil? In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL, COOPERATIVISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA (SICOOPES), 2023, Castanhal. **Anais...** Castanhal: IFPA Campus Castanhal, 2023.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental**. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 1998. (Cadernos de Educação Ambiental, v. 2).
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Editora Cortez, 2016.
- FERREIRA, Jarliane da Silva; NEBOT, Carmen Pineda (orgs.). **Educação de jovens e adultos com povos do campo, das águas e da floresta: territorialidades, políticas e práticas**. Manaus: Alexa Cultural, 2023.
- FORMIGOSA, Marcos; LOPES, Raquel.; MILÉO, Irlanda do Socorro de Oliveira (orgs.). **Por entre rios, florestas, travessões e vicinais: 10 anos da Licenciatura em Educação do Campo da UFPA, Campus Altamira**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- GARRARD, Greg. **Ecocriticism**. New York: Taylor & Francis e-Library, 2004.

HÉBETTE, Jean. **Cruzando a fronteira**: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia. Belém: ED.UFPA, 2004.

KANASHIRO, Milton; FERREIRA, Fabrício Nascimento; CARDOSO, Afonso Jorge Ferreira. Manejo florestal comunitário e familiar, transdisciplinaridade e desenvolvimento local: Projeto Bom Manejo II, RESEX Verde para Sempre, Porto de Moz-PA. In: CONFERÊNCIA IUFRO 2023 AMÉRICA LATINA, 2023, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Auditório do Instituto de Engenharia do Paraná, 2023.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

MEDINA, Gabriel da Silva; BARBOSA, Cláudio Wilson Soares. A questão produtiva nas Reservas Extrativistas. **Novos Cadernos NAEA**, v. 19, n. 2, p. 69-88, maio-agosto, 2016.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

SOUZA, Maria Antônia. Educação do campo, desigualdades sociais e educacionais. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 783-800, jul./set. 2012.

VIEIRA, Paulo Roberto; DARWICH, Rosângela Araújo. Ensinando literatura na floresta: rios, cachoeiras, praças e saraus na Educação do Campo na Amazônia. **Revista Cocar**, Belém, v. 16, n. 34, p. 1-18, 2022.

VIEIRA, Paulo Roberto. **Poesia e prosa da universidade à escola do campo**: práticas divertidas em literatura e arte entre jovens na Amazônia. Belém: Universidade Federal do Pará. UFPA - SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas, 2022. Projeto de Pesquisa, Portaria Nº 523/2022.